

haver uma justificativa objetiva para qualquer outro valor". A única recomendação positiva que Sartre pode fazer é que deveríamos evitar a má fé e procurar fazer escolhas autênticas.

Crítica. Sartre foi, sem dúvida, essencialmente um filósofo moralista e um psicólogo arguto, e contou com a simpatia de uma vasta imprensa esquerdista em todo o mundo. Porém, pouco do que disse foi concepção original sua. Ele tomou seu ponto de partida das filosofias de Husserl e Heidegger. Seu primeiro trabalho, *L'Imagination* (1936) e *L'Imaginaire: Psychologie phénoménologique de l'imagination* (1940), ficam completamente no contexto da análise da consciência que fez Husserl. O pensamento de Heidegger aparece com clareza em "A Náusea". A definição do homem como um ser de possibilidades que encontra ou perde a si mesmo nas escolhas que faz com respeito a si mesmo corresponde à definição de Heidegger do que chamou *Dasein* como o ser que tem que se fazer, se materializar. Segundo seus críticos, no *L'Être et le néant* (1943), um ensaio de ontologia fenomenológica, está óbvio que Sartre copiou de Heidegger. Algumas passagens da obra de Heidegger *Was ist Metaphysik?* (1929- "Que é a Metafísica?"), na verdade foram literalmente copiadas. O significado do "Nada", objeto da investigação de Heidegger em suas aulas, foi a questão que guiou o pensamento de Sartre.

Resta como o único valor para o existencialismo ateu a liberdade. Afirma que não pode haver uma justificativa objetiva para qualquer outro valor.

Porque não há nenhum Deus, não há nenhum padrão objetivo dos valores. Com o desaparecimento dele desaparece também toda possibilidade de encontrar valores. Não pode então haver qualquer bem a priori porque se nós não sabemos se Deus existe, então nós não sabemos se há alguma razão final porque as coisas acontecem da maneira que acontecem; não há nenhuma razão final porque qualquer coisa tenha acontecido ou porque as coisas são da maneira que elas são e não de alguma outra maneira e nós não sabemos se aqueles valores que acreditamos que estão baseados em Deus têm realmente validade objetiva. Conseqüentemente, porque um mundo sem Deus não tem valores objetivos, nós devemos estabelecer ou inventar, a partir da liberdade, nossos próprios valores particulares. Na verdade, mesmo se nós soubéssemos que Deus existe e aceitássemos que os valores devessem basear-se em Deus, nós ainda poderíamos não saber que valores estariam baseados em Deus, nós poderíamos ainda assim não saber quais seriam os critérios e os padrões absolutos do certo e do errado. E mesmo se nós sabemos quais são os padrões do certo e do errado (critérios), exatamente o que significam ainda seria matéria da interpretação subjetiva. E assim o dilema humano que resultaria poderia ser muitíssimo o mesmo como se não houvesse Deus.

Ética. Sartre acredita na capacidade de todo indivíduo de escolher as suas atitudes, objetivos, valores e formas de vida. É uma ilusão a crença de que os valores existem objetivamente no mundo, em vez de serem criados apenas pela escolha humana. Recomenda honestidade, ou seja, que façamos nossas escolhas individuais com plena consciência de que são autenticamente nossas e nada as determina por nós. Parece assim que Sartre, a partir das próprias premissas, teria que elogiar o homem que escolhe devotar a vida à exterminação dos judeus, contanto que ele escolha isso com plena consciência do que está fazendo. Porém, paradoxalmente, a "sinceridade" que iria contrapor-se à má fé, não é inteiramente possível. O ideal de sinceridade completa parece condenado ao fracasso por dois motivos. Primeiro, uma vez que não podemos ser simplesmente objetos observados e corretamente descritos, não podemos ser considerados, nem por nós mesmos, como honestos. Segundo, por que se é sincero no mal. Assim sendo, o único valor fundamental e universal para o existencialismo é a liberdade. Diz Sartre "Não pode

inglês de origem escocesa, que buscou um novo método de tratamento da loucura seguindo a filosofia existencialista. Entre suas principais obras está *Reason & Violence: A Decade of Sartre's Philosophy* ("Razão e violência: uma década da filosofia de Sartre"), em co-autoria com D.G. Cooper, de 1971.

Socialismo. Sartre rompeu com o socialismo e a psicanálise considerando o quanto o Existencialismo se opõe à teoria psicanalítica. A submissão ao inconsciente significaria cerceamento da liberdade. O mesmo diz do socialismo. Depois de renunciar ele mesmo ao comunismo, denunciou que o planejamento social implica restrição ou perda total da liberdade. Os existencialistas acreditam na capacidade de todo indivíduo de escolher as suas atitudes, objetivos, valores e formas de vida e seu postulado de liberdade representa obstáculo intransponível ao conformismo requerido pelo planejamento socialista e sua negação da individualidade em favor do social e coletivo.

Posteriormente Sartre adotou uma forma de marxismo que ele considerava como a "filosofia inescapável do nosso tempo", que só precisava ser refertilizada pelo existencialismo. Esta mudança de ponto de vista encontra-se na sua "Crítica da Razão Dialética", volume I, de 1960.

Deus. Sartre é um existencialista ateu. Segundo Sartre, o homem está abandonado; Deus não existe e, para Sartre, a não-existência de Deus tem implicações extremadas. Aliás, alguns dos problemas principais que se levantam do abandono parecem também levantar-se meramente do fato de nós não podermos saber se Deus existe. Se Deus realmente existe, nós "não estamos abandonados". O problema do abandono levanta-se meramente do fato de nós não podermos saber se Deus existe. Sua existência em tais condições equivale, para Sartre, em uma não-existência efetiva, que tem implicações drásticas. Primeiro, porque não há Deus, não há nenhum criador do homem e nem tal coisa como um concepção divina do homem de acordo com a qual o homem foi criado. Segundo, diz ele, louvando-se em Dostoiévski (na fala de Ivan Karamazov, na famosa novela daquele escritor russo): Se Deus não existe, então tudo é permitido. Terceiro, "Não há um sentido ou propósito último inerente à vida humana; a vida é absurda".

Isto significa que o indivíduo, foi jogado de fato na existência sem nenhuma razão real para ser. "Simplesmente descobrimos que existimos e temos então de decidir o que fazer de nós mesmos."

chamado "Censor" de Freud deve estar consciente para saber o que reprimir. Aqueles que usam o inconsciente como desculpa do comportamento acreditam que nossos instintos, nossas inclinações e nossos complexos constituem uma realidade que simplesmente é; que não é verdadeira nem falsa em si mesma mas simplesmente real.

Somos responsáveis por nossas emoções, visto que há maneiras que escolhemos para reagir frente ao mundo. Somos também responsáveis pelos traços duradouros da nossa própria personalidade. Não podemos dizer "sou tímido", como se isto fosse um fato imutável, uma vez que nossa timidez representa a forma como agimos, e que podemos escolher agir diferentemente.

Nossos atos nos definem. Na vida, o homem se compromete, desenha seu próprio retrato e não há mais nada senão esse retrato. Nossas ilusões e imaginação a nosso respeito, sobre o que poderíamos ter sido, são decepções auto-infligidas. Permanentemente estamos a nos fazer do modo que somos. Uma pessoa "corajosa" é simplesmente alguém que geralmente age com bravura. Cada ato contribui para nos definir como somos, e em qualquer momento podemos começar a agir de modo diferente e desenhar um retrato diferente de nós mesmos. Há sempre uma possibilidade de mudança, de começar a fazer um tipo diferente de escolha. Temos o poder de nos transformar indefinidamente..

O instrumento proposto por Sartre para que possamos conseguir um auto-conhecimento genuíno é a Análise existencial. Ele chama "Psicanálise Existencial" a "Uma psicanálise que busca não as causas do comportamento de uma pessoa, mas o seu sentido" (O que o comportamento exprime como escolha). A função desta psicanálise não é procurar as causas do comportamento de uma pessoa, mas o seu sentido. A realidade humana identifica-se e se define pelos fins que busca e não por pretensas "causas" no passado.

Nenhuma "essência" determinada de mim mesmo orienta a priori meu comportamento. Porém, há o que Sartre chama "Projeto Original". Como uma pessoa é essencialmente uma unidade, e não apenas um amontoado de desejos ou hábitos sem relação, deve haver para cada uma delas uma escolha fundamental por um papel ou script de vida, o "projeto original", o qual dá o significado de qualquer aspecto específico de seu comportamento.

A radical oposição de Sartre à psicanálise influenciou grandemente na psiquiatria de seu tempo. Ronald David Laing (1927-1989), um conhecido psiquiatra

ambiente são a causa de como nós agimos. Nós nos permitimos ser autoenganados ou mentir para nós mesmos, especialmente quando isto toma a forma de responsabilizar as circunstâncias por nosso fado e de não lançar mão da liberdade para realizar a nós mesmos na ação. Quando nós fingimos, nós agimos de má fé.

A má fé é a tentativa de fugir da angústia fingindo que não somos livres. Tentamos nos convencer que as nossas atitudes e ações são determinadas pela nossa personalidade, por nossa situação, ou por qualquer outra coisa fora de nós mesmos". Porém, diz Sartre, o que é aprendido, ou os propósitos, as experiências passadas, não determinam o comportamento atual.. Segundo ele, "nenhum motivo ou resolução passada determina o que fazemos agora". "Cada momento requer uma escolha nova ou renovada".

Negar a liberdade é, a seus olhos, uma tomada de posição covarde, a fim de fugir da angústia da escolha, e achar o repouso e a segurança na confortável ilusão de ser uma essência acabada.

Sartre diz que, porque não existe Deus, o homem não foi criado para nenhum propósito particular, essência alguma. Dizer que estamos obrigados por nossa natureza, nosso papel na vida, a agir de certo modo constitui "má fé".

Psicanálise. Sartre rejeita enfaticamente a idéia de causas inconscientes dos fatos psíquicos; para ele tudo que está na mente é consciente. Rompeu com a psicanálise por esta retirar a responsabilidade do indivíduo ao invocar a ação de uma força subconsciente e estados mentais inconscientes, que, para Sartre, não existem. Sustenta que a consciência é necessariamente transparente para si mesma. Todos os aspectos de nossas vidas mentais são intencionais, escolhidos, e de nossa responsabilidade, o que é incompatível com o total determinismo psíquico postulado por Freud.

Teríamos de atribuir a repressão inconsciente a alguma instância dentro da mente (a "censura") que distingue entre o que será reprimido e o que pode ficar consciente, de forma que essa censura tem de estar a par da idéia reprimida a fim de não estar a par dela. Portanto, o inconsciente não é verdadeiramente inconsciente. Em algum nível eu estou consciente, e escolho, o que vou e o que não vou permitir vir claramente à minha consciência. Por isso não posso usar "o inconsciente" como uma desculpa para meu comportamento. Mesmo que eu não possa admitir para mim mesmo, eu estou consciente e escolhendo. Mesmo na decepção que sofro, eu sei que sou eu aquele que me decepçiona, e o assim

que aquilo que ele faz de si mesmo. Tal é o primeiro princípio do existencialismo ateu. Mas Sartre salienta que aquilo que vulgarmente entendemos por querer, é uma decisão consciente que, para a maior parte de nós, é posterior ao que alguém já fez de si mesmo.

Liberdade. No entender de Sartre, estamos "condenados à liberdade"; não há limite para nossa liberdade, exceto o de que "não somos livres para deixarmos de sermos livres." Porque não há nenhum Deus e portanto não há qualquer plano divino que determine o que deve acontecer, não há nenhum determinismo. O homem é livre. Nada o força a fazer o que faz. "Nós estamos sozinhos, sem desculpas." O homem não pode desculpar sua ação dizendo que está forçado por circunstâncias ou movido pela paixão ou determinado de alguma maneira a fazer o que faz.

A angústia. Seguindo a Kierkegaard, Sartre usa o termo "angústia" para descrever essa consciência da própria liberdade. Nós estamos livres porque nós não podemos confiar em um Deus ou na sociedade para justificar nossa ação ou para nos dizer o que e quem nós somos. Nós estamos condenados porque sem diretrizes absolutas, nós devemos sofrer a agonia de nossa tomada de decisão e a angústia de suas conseqüências. A angústia é, então, a consciência da própria liberdade... A angústia é a consciência dessa liberdade de escolha, a consciência da imprevisibilidade última do próprio comportamento... Uma pessoa à beira de um penhasco perigoso tem medo de cair, e sente angústia ao pensar que nada o impede de se jogar lá embaixo, de se lançar no abismo.. O pensamento mais angustioso de todos é quando, num dado momento, nós não sabemos como nós iremos nos comportar no momento seguinte.

Sartre descreve a vida humana como "uma consciência infeliz". O homem está sempre tentando alcançar um estado em que não restariam possibilidades irrealizadas, no qual diria: "eu não tinha outra escolha, situação em que seria um objeto em vez de um ser consciente, com opções e liberdade. Mas, argumenta, "Não podemos chegar a um estado em que não restem possibilidades irrealizadas", ou aí estaríamos determinados, sem escolha possível e portanto sem liberdade. Não há fuga possível da angústia da liberdade; fugir à responsabilidade é em si mesmo uma escolha.

A "má fé". Às vezes nós escapamos da ansiedade fingindo que nós não estamos livres, como quando nós fingimos que nossos genes ou nosso

"Pedro não está aqui" é tão verdade quanto "Pedro está fora daqui". O juízo é sempre afirmativo. Mas Sartre pretende "a existência objetiva de um não-ser", do "Nada".

É claro, porém, que a intencionalidade vem primeiro e, depois que se manifesta, alguma coisa foi escolhida, sem que nada seja previamente negado. É um paradoxo que a escolha dependa primeiro de negar determinadas possibilidades. Negar primeiro já é colocar a intencionalidade na negação.

O homem. Como seres conscientes estamos sempre querendo preencher o "nada" que é a essência do nosso ser consciente; queremos nos transformar em coisas em vez de permanecer perpetuamente num estado em que as possibilidades estão sempre irrealizadas.

É o principal postulado do existencialismo sartreano que não há afirmações gerais verdadeiras sobre o que os homens devem ser. Sartre leva esse indeterminismo às suas mais radicais conseqüências; nega que haja uma natureza humana: não há nenhuma coisa como uma natureza humana que seja comum a todos os seres humanos; nenhuma coisa como uma essência específica que defina o que seja ser humano existe!. Por exemplo, para Aristóteles, e os filósofos gregos, a essência de ser humano era ser racional. Mas para Sartre, a pessoa deve produzir sua própria essência, porque nenhum Deus criou seres humanos de acordo com um conceito, um projeto divino definido. - você é o que você faz de você mesmo.

Quando diz "a existência do homem precede sua essência", ou "no homem, a existência precede a essência", ele quer dizer que o homem se apresentou no mundo sem qualquer projeto concebido previamente por um Criador. Não havendo tal essência, todos são iguais e igualmente livres para se fazerem.

"Nojento", como salienta em "A Náusea" é exatamente aquele que esquece isso e se investe de certa "superioridade essencial". Mas não existe "ladrão ou marginal em essência", assim como não há "gente honesta em essência". Transformar o outro em coisa inferior, para se colocar numa essência superior, é negar simultaneamente a sua liberdade e a própria. Enquanto o olhar de alguém objetiva o outro em coisa essencialmente inferior, o outro, por sua vez, olha e constitui esse alguém num carrasco e ele terá vergonha desse seu olhar.

É no universo dos nojentos e dos covardes que vale a dolorosa constatação de "Entre quatro paredes": "o inferno são os outros". Assim, não há uma natureza humana, visto que não há Deus para a conceber: o homem não é mais do

através de uma tensão de opostos. A dialética do "ser-um-com-o-outro" do homem é central: ver e ser visto corresponde a dominar e a ser dominado. Ser e não ser, como em "O Ser e o Nada" é outro exemplo dessa influência hegeliana, em que o confronto é entre a consciência e o seu objeto..

Como de resto todos os fenomenologistas, Sartre tem como ponto de partida o caráter intencional da consciência. Todo modo de consciência representa algo, revela algo, apresenta algo, está voltado e direcionado para algo fora dela mesma, daí dizer-se que a consciência é intencional. Ela não existe sem estar voltada, sem estar representando, criando a presença de um objeto. Os objetos da consciência são reais, ainda que alguns sejam ideais, eles existem como fenômenos, - como imagens -, e porque existem Sartre os considera "seres em si", completos, acabados, de fato existentes.

Porém, há também um conhecimento ou consciência de que se é consciente, isto é, uma consciência da consciência. Então, diz Sartre, a consciência é um ser "para si".

Sem seu objeto, a consciência é um nada, um não-ser, pois que somente existe na relação de si mesma com o "ser em si". Ela procura o "ser em si" para fundar a si mesma, o que significa que ela destrói o "ser em si", transformando-o no seu próprio nada. "O ser e o nada", título de seu livro, refere-se a esses dois tipos de ser: o "ser em si" (fenômeno) e o "ser para si" (consciência).

Esta concepção do nada como algo que existe, que é a consciência, é importante para Sartre. É preciso notar aqui que é esta constante separação daquilo que somos, que Sartre chama o "nada", que obriga a realidade humana a se fazer ao invés de ser. A realidade humana é nada precisamente no que ela não é, mas está a se fazer incessantemente: O "nada", em Sartre, não é uma constatação niilista. E, em suma, a categoria do ideal, dos objetos ideais.. É importante encontrar um lugar para o "nada", poder dar existência ao "nada", a fim de fazer real a possibilidade da negativa. "A capacidade de conceber a negativa constitui a liberdade de imaginar outras possibilidades"... O poder de negar é a possibilidade de escolher, é o princípio da liberdade do pensamento (de imaginar possibilidades) e da liberdade de ação (o tentar realizá-las).

Pode-se, no entanto, criticar o postulado de Sartre de que a consciência pode fazer juízos negativos, como algo sem sentido. Os seus críticos apontam que um juízo negativo pode ser expresso em uma sentença negativa.

1961 viaja para Cuba e Brasil, e aqui foi festivamente recebido pelas esquerdas. Pouco escreveu em 1971. Apesar de tudo, em 1972 publicou o terceiro volume do trabalho sobre Flaubert, com o título *L'Idiot de la famille* ("O idiota da família"), igualmente denso e de leitura fastidiosa.

Em seus últimos anos Sartre ficou cego e sua saúde declinou até seu falecimento em Abril de 1980 devido a um tumor pulmonar. Teve um funeral impressionante pela massa popular que compareceu, estimada em 25,000 pessoas.

Sobre o aspecto meramente literário de sua obra, se diz que poderia ter colocado sua filosofia de uma forma mais clara e mais breve do que fez em "O Ser e o Nada".

FILOSOFIA

"O Ser e o Nada" tornou-se, como dito, a obra fundamental da teoria existencialista. Nele está contida praticamente toda a filosofia de Jean-Paul Sartre, cujos principais tópicos são comentados abaixo. Porém, Sartre apresentou o seu existencialismo de uma forma muito mais clara e breve em "O Existencialismo é um Humanismo", uma conferência dada em Paris em 1945. Seus seguidores, no entanto, alegam que, nesse ensaio, sua abordagem do assunto é popular e superficial, e não se pode confiar nela como uma exposição do seu pensamento. Mas é importante lembrar que Sartre não é o fundador do existencialismo. O pensador cristão dinamarquês Kierkegaard (1813-1855) é geralmente considerado como o primeiro existencialista moderno.

Existencialismo. Existir no sentido etimológico, é "sair de". "Por exemplo, - diz Sartre em "A Nausea" -, eu me sinto triste; mas tomar consciência de meu desgosto é colocá-lo como um objeto a distancia de mim. Pois o eu que diz 'estou triste' não é mais, de modo algum, o eu que está triste. Assim o homem está por sua consciência, sempre além de si mesmo. Eis o sentido do 'ex-istencialismo'."

As filosofias existencialistas aparecem sob diversas formas, sendo que a divisão mais radical é entre o ponto de vista religioso e o ateu. Sartre é o fundador e principal pensador dessa última corrente.

O nada. A influência do idealista G. W. F. Hegel em Sartre torna-se aparente quando o filósofo tenta interpretar tudo pelo método dialético, isto é,

Ele escreveu no seu jornal *Les Temps Modernes* o artigo *Le Fantôme de Staline*, no qual condenava veementemente a intervenção soviética e a submissão do Partido Comunista Francês aos ditames de Moscou. Essa atitude crítica ensejou mais um livro, *Critique de la raison dialectique* (1960 - "Crítica da Razão Dialética") livro sobre afinidades do existencialismo com o marxismo. É também de 1960 o ensaio "Questão de Método", e de 1964 é *Les Mots* ("As Palavras"), uma análise psicológica e existencial de sua própria infância.

Sartre acusava o marxismo de se ter ossificado e que, em lugar de adaptar-se a situações particulares, compelindo cegamente o particular a enquadrar-se em um universal predeterminado. Quaisquer que fossem seus princípios gerais, o Marxismo precisava reconhecer circunstâncias existenciais concretas que diferem de uma comunidade para outra e respeitar a liberdade individual do homem. O projeto de um segundo volume do *Critique* foi, no entanto, temporariamente suspenso, e publicado em seu lugar o *Les Mots*, que mereceu o prêmio Nobel, que recusou.

Últimos anos. Muito se tem conjecturado sobre as verdadeiras razões de haver Sartre recusado o prêmio Nobel, as quais, aparentemente, não estariam tão claras para ele mesmo, que acreditava na transparência da consciência. Porém, seria no seu próprio subconsciente, que ele negava existir, que talvez estivesse a resposta. Foi uma criança super-estimulada a ser inteligente e vencedora, o que no íntimo ele talvez não acreditasse ser, sentindo-se um impostor comparado ao célebre pastor, primo de sua mãe, e ao seu próprio avô, figura solene, vastas barbas brancas, que "assemelhava-se a Deus Pai", figuras e exemplos em que pivotaram os estímulos de sua educação infantil. Comparado a esses que seriam para ele os verdadeiros merecedores do prêmio Nobel, - e um deles de fato recebeu o prêmio, - Sartre confessa um idealismo, não uma prática da generosidade, e um certo remorso por não ter sofrido, onde diz, em "As Palavras": "Meu idealismo épico compensará até a minha morte uma afronta que não sofri, uma vergonha que não padeci..."

De 1960 até 1971 a atenção de Sartre concentrou-se no preparo de um estudo em quatro volumes sobre o famoso escritor francês Gustave Flaubert. Dois volumes, com um total de 2.130 páginas apareceu no início de 1971, contendo minuciosas análises freudianas da infância e das relações familiares de Flaubert.

Atividades como conferências e passeatas como meio de apressar a Revolução socialista passaram depois a ocupar boa parte do tempo de Sartre. Em

Tendo em uma primeira fase exaltado a liberdade, que em suas obras anteriores parecia ter valor por si mesma, agora, após as lições da guerra, Sartre voltou sua atenção para o conceito de responsabilidade social. Nesta nova abordagem da questão da liberdade ele planejou, em 1945, uma novela em quatro volumes sob o título *Les Chemins de la liberté* ("Os Caminhos da Liberdade") dos quais publicou três: *L'Âge de raison* (1945 - "Idade da razão"), *Le Sursis* (1945 - "Sursis"), e *La Mort dans l'âme* (1949 - "Com a Morte na Alma").

Em lugar do quarto volume de "Os Caminhos da Liberdade", Sartre decidiu que o romance poderia não ser o melhor veículo de suas mensagens e intensifica a produção de peças de teatro. Ele já havia produzido nessa área durante a guerra, e agora escreve vários: *Les Mouches* (1943), *Huis-clos* (1944), "Entre Quatro Paredes" (1945), "Mortos sem Sepultura" (1946) e "A Prostituta Respeitosa" (1946), *Les Mains sales* (1948 - "As mãos sujas"), e continua com *Le Diable et le bon dieu* (1951 - "O Diabo e o Bom Deus"), *Nekrassov* (1955), e *Les Séquestrés d'Altona* (1959 - "Seqüestrados de Altona"), esta sobre o problema do colonialismo na Argélia Francesa. Todas essas peças fazem uma abordagem pessimista do relacionamento humano, enfatizando a hostilidade natural do homem para com seu semelhante, porém deixam antever uma possibilidade sempre presente de remissão e salvação.

De 1946 são os ensaios "O existencialismo é um Humanismo", escrito para esclarecer o significado ético do existencialismo, e "Reflexões sobre a Questão Judaica". Outras publicações da mesma época incluem um livro, *Baudelaire* (1947), um script para o cinema, "Os dados estão lançados", na crítica literária e psicológica "Baudelaire" e um estudo sobre o escritor e poeta francês Jean Genet, com o título *Saint Genet, comédien et martyr* (1952), "O Fantasma de Stalin" (1956), e inúmeros artigos que foram publicados em seu jornal *Les Temps Modernes*. Porém em 1955 se desentende com Merleau-Ponty, com quem mantinha o jornal, por motivos políticos.

Atividades políticas. Após a II Guerra Mundial, Sartre havia continuado sua atividade política (nascida ao tempo da resistência) com inclinação manifestamente esquerdista, tornando-se um ativo admirador da União Soviética, apesar de nunca ter se filiado ao partido comunista. Em 1954 ele viajou pela Rússia, Escandinávia, África, Estados Unidos, e Cuba. Porém, a entrada de tanques soviéticos em Budapeste em 1956, deixaram Sartre desapontado com o comunismo.

companheiros de infortúnio. É uma peça natalina, representada pelos prisioneiros no Natal de 1940, e publicada 30 anos mais tarde com o título *Bariona*, ou *Le fils du tonnerre* ("Bariona, ou O filho do trovão"). O drama, de inspiração religiosa, fala de Jesus e de Maria, Sua mãe, que "Trouxe-o no ventre durante nove meses, oferecer-lhe-á o seio e o seu leite se tornará o sangue de Deus". Foi solto por razões médicas (por um alegado problema de visão) um ano mais tarde, na primavera de 1941. Em liberdade, voltou ao Liceu de Neuilly, passando depois a lecionar no Liceu Condorcet e no Liceu Pasteur, em Paris. Fundou então o grupo Socialismo e Liberdade a fim de atuar junto à Resistência. O grupo produziu panfletos clandestinos contra a ocupação alemã e contra os colaboracionistas franceses.

Em 1943, em plena fase da guerra, fez a primeira publicação de uma peça teatral, "*As Moscas*", que envolve veladamente o comando alemão e os colaboracionistas, e publicou também o famoso *L'Être et le néant* (1943 - "O Ser e o Nada"), obra fundamental da teoria existencialista. O "Ser e o Nada" subintitula-se "Ensaio de ontologia fenomenológica" e nele Sartre aprofunda seu pensamento com respeito à consciência humana, como "um nada" em oposição ao Ser. A consciência é "não-matéria", nada, e por isso mesmo escapa a qualquer determinismo. Sendo um "nada, ela "nadifica" seus objetos. A consciência é essencialmente negadora das coisas em-si mesmas, na medida em que se encontra revestida da característica ontológica de ser, ela própria, o seu próprio nada.

A teoria da negatividade da consciência não é senão uma das perspectivas do pensamento de Sartre. Outra é a de que o outro é o "mediador indispensável entre mim e mim mesmo"; precisamos de outrem para conhecer plenamente a nós mesmos. Mas a relação primordial com outrem é o conflito. Todo tipo de relação humana está condenado ao fracasso; através delas nunca atinjo o meu objetivo; a indiferença, o sadismo, o ódio, o masoquismo, o amor, a linguagem, são diversas manifestações da minha tentativa, sempre fracassada, de conviver com outrem. Essas obras e mais "*Entre 4 paredes*" (1944), rapidamente fizeram dele a mais célebre dos escritores franceses de seu tempo.

Segunda fase filosófica. Sartre lecionou até 1945. Nesse ano dissolveu o movimento Socialismo e Liberdade e fundou com Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty (1908-1961), Raymond Aron (1905-1983) e outros intelectuais, a revista de filosofia *Les Temps Modernes* ("Os Tempos Modernos"), deixando de lecionar para cuidar deste e de outros empreendimentos literários.

Influências. No período de um ano passado em Berlim Sartre estudou a fenomenologia do filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), as teorias do existencialismo de Heidegger e Karl Jasper (1883-1969) e a filosofia de Max Scheller (1874-1928). A partir desses autores, chegou a Soren Kierkegaard (1813-1855).

Durante os anos que lecionou no Havre, Sartre publicou suas primeiras obras, "A Imaginação" e "A Transcendência do Ego". Nelas, a começar por *L'Imagination* (1936 - "A Imaginação"), explora o método fenomenológico de Husserl, que propõe a descrição dos objetos como fenômenos mentais sem qualquer idéia preconcebida ou preconceituosa. Porém, foi a publicação do *La Nausée* (1938 - "A Nausea") que lhe trouxe fama. Esse romance, escrito em forma de um diário, revela os sentimentos de repugnância do personagem Roquentin, em relação ao mundo material inclusive pela consciência de seu próprio corpo. O romance contém em suas páginas grande parte das posições filosóficas que Sartre continuaria depois a desenvolver. Seu herói, Antoine Roquentin, desocupado, duvidoso de si mesmo, vive sozinho, sem amigos, sem amante, nada lhe importando, nem os outros homens, nem ele mesmo, descobre, na vida monótona de Bouville, o mistério metafísico do Ser: o mundo não tem nenhuma razão de existir e é absurdo que exista. "Tudo é gratuito, a jardim, esta cidade, e eu mesmo; quando acontece da gente se dar conta disso, isso atinge o cabeça e tudo começa a flutuar; eis a náusea". Em *A Náusea*, Sartre parece bastante próximo de Heidegger.

No ano seguinte, publicou "O Muro" (1939), uma coletânea de contos, e o ensaio *Esquisse d'une théorie des émotions* (1939 - "Esboço de uma teoria das Emoções"). O muro tem por personagem Pablo Ibieta, é uma denúncia do regime do ditador Franco, da Espanha, sob cujo poder o personagem Pablo Ibieta é preso e torturado. No ano seguinte publicou *L'Imaginaire: Psychologie phénoménologique de l'imagination* (1940 - "O Imaginário: Psicologia fenomenológica da Imaginação"), um ensaio.

Período da II Grande Guerra. Na primeira fase da guerra mundial Sartre serviu como meteorologista na Lorena, 1940. Caiu prisioneiro quando Hitler invadiu a França, e foi encerrado no campo de concentração de Trier (Treves), na Alemanha ocidental, cidade junto à fronteira com Luxemburgo que foi berço de Karl Marx. No período de sua prisão Sartre escreveu uma peça de teatro que depois não quis contar entre os títulos de suas obras, alegando que fora um trabalho dentro de um contexto particular, e que a havia escrito apenas para levantar o ânimo de seus

VIDA E OBRA DE JEAN-PAUL SARTRE

Vida. Jean-Paul Sartre, romancista francês, teatrólogo, e maior intelectual do Existencialismo, - filosofia que proclama a total liberdade do ser humano. Foi premiado com o Nobel de literatura de 1964, que desconsiderou.

Infância e juventude. Sartre nasceu em 21 de junho de 1905 e faleceu em 15 de abril de 1980, em Paris. Ficou órfão de pai muito cedo. O pai, oficial da marinha, faleceu ainda jovem, dois anos depois do nascimento do filho. Foi, com sua mãe, Anne-Marie Schweitzer, viver em casa de seu avô materno, Carl Schweitzer, de origem alsaciana e protestante, professor de Alemão na Sorbone, em um apartamento no sexto andar de um edifício em Meudon, nos arredores da capital, nas proximidades do Jardim de Luxemburgo. O célebre pastor Albert Schweitzer, prêmio Nobel da Paz de 1952, era sobrinho de seu avô, primo de sua mãe.

Sartre estudou primeiro no Liceu Henrique IV, em Paris. Mais tarde estudou no liceu em La Rochelle, localidade onde, tendo sua mãe se casado segunda vez, a pequena família passou a residir.

Após o liceu completou sua educação ingressando em 1924 na École Normale Supérieure, onde se graduou em 1929. Ainda estudante passou a viver com Simone de Beauvoir (1908-1986) de quem nunca se separou. Na École Normale foi contemporâneo de escritores que viriam a ser intelectuais de renome, como Raymond Aron, Maurice Merleau-Ponty, Emmanuel Mounier, Jean Hippolyte, Claude Lévi-Strauss e a filósofa social esquerdista e escritora Simone Weil, (1909-1943) ativista na Resistência, cujas obras publicadas postumamente tiveram grande influência no pensamento social na França e na Inglaterra..

Terminado o curso de filosofia, fez serviço militar em Tours, como meteorologista.

Nos anos que precederam a grande guerra Sartre lecionou, entre 1931 e 1933, no Liceu do Havre; em 1933-34 esteve em Berlim, estudando fenomenologia. De 1934 a 1939 continuou no Havre passando depois para Neuilly-sur-Seine.

Na Alemanha Sartre iniciou a redação de "Melancolia", romance recusado pelos editores e mais tarde publicado com o título "A Náusea".

Anexo

PERDIGÃO, Paulo. Existência e liberdade. Uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

REALE, Giovanni. História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991. (Coleção filosofia).

SARTRE, Jean-Paul. A conferência de Araraquara. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada. Ensaio de ontologia Fenomenológica; Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de Filosofia. Tradução Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ALMEIDA, Fernando José. Sartre: é proibido proibir. São Paulo: FDT, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofando: Introdução à filosofia. 2ª ed. Ver. Atual. São Paulo: Moderna, 1993.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

CORDEIRO, Darcy. Ciência, pesquisa e trabalho científico. Goiânia: UCG, 1997.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 15ª ed. São Paulo. Perspectiva S. A., 2000.

GILES, Thomas Ransom. História do existencialismo e da fenomenologia, São Paulo: EPU, 1989.

GIORDANI, Mário Curtis. Iniciação ao existencialismo. Petrópolis: Vozes, 1997.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Parte I. 6ª ed. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: 1997.

LAKATOS, Eva Maria, Marconi, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, Walter, M. Liberdade e dialética em J. P. Sartre. Maceió: EDUFAL, 1998.

MOUTINHO, Luiz D. Sartre: existência e liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.

OLSON, Robert G. Introdução ao existencialismo. São Paulo: Brasiliense, 1970.

Chega a conclusão de que nada justifica a existência, o tédio dos dias e das noites, caminhos obscuro e deserto, o cotidiano. Mas isso não o livra da liberdade e da responsabilidade que são da essência do homem, uma liberdade sem conteúdo se torna amargura, náusea.

Dadas algumas das premissas do conceito sartreano de liberdade, podemos levantar algumas questões. Não estaria, exatamente, neste ideal de liberdade absoluta o cerne de certas violências em nossa sociedade? Não existe violência, entre outros motivos e para além das questões sociológicas, pelo fato de o homem ser incondicionalmente livre para agir, tendo que, talvez, responder pelas suas escolhas? Não existe violência pelo fato de o homem relativizar a sua existência aos valores universais como o respeito ao outro, o amor e a vida? Não existe violência pelo fato de, quotidianamente, fazermos do outro um meio para o enriquecimento, por exemplo?

O existencialismo teve, tem e terá o seu lugar na sociedade. O homem como único ser capaz de compreender a si mesmo e os outros, gradativamente está tomando o seu papel social. Pensar no homem como um ser capaz de projetar-se a partir de uma intencionalidade, a qual é tomada como consciência e só após se concretiza, ainda é um desafio. Mas, essa consciência é colocada em pauta, para se pensar na sua própria liberdade. Para que o homem esteja por sua consciência, sempre além de si mesmo se fez necessário pensar na problemática do ser e da liberdade. Assim sendo, cabe a nós mesmos buscarmos a nossa autenticidade para podermos viver a nossa liberdade.

CONCLUSÃO

Neste estudo sobre o existencialismo, apontamos os conceitos básicos para um reflexão mais próxima deste paradigma, mas também ampliamos nosso olhar para pensadores que nos influenciaram e contribuíram com textos e contextos que continuam abertos e convidam para outros e novos estudos.

Conclui-se que o existencialismo é uma moral da ação, porque considera que a única coisa que define o homem é o seu ato. Ato livre por excelência, mesmo que o homem esteja sempre situado num determinado tempo e lugar. Não importa o que as circunstâncias fizeram do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele.

Mas vários problemas surgem no pensamento Sartreano, desencadeados pela consciência capaz de criar valores, ao mesmo tempo que deve se responsabilizar por toda a humanidade, o que parece gera uma contradição indissolúvel.

Sartre se coloca nos limites da ambigüidade, pois se de um lado a moral é impossível porque rigor de um princípio leva à sua destruição, por outro lado a realização do homem, da sua liberdade, implica um comportamento moral.

Não obstante, Sartre define a liberdade como condição da existência humana, ou seja, o homem é incondicionalmente livre. Assim, podemos escolher livremente o que fazer. O que pode acontecer a esta liberdade é limita-la pelo medo, ou seja abdicar de certas escolhas pelo medo de repressão religiosa, moral ou jurídica, mas a liberdade está presente e, sobrepondo-se ao medo, posso agir como desejar.

Nas ações livres do homem não existem valores morais de regência, ou seja, é cada situação história e concreta que o sujeito da ação deverá escolher seus valores e responder por eles.

Nas ações livres dos homens, o outro aparece como um mal por impor limites à minha ação e um bem por construir-se num meio para meus fins. Dessa forma, afirmar a liberdade implica na sobreposição ao outro, transformando-o num objeto da minha liberdade.

Como vimos tomar consciência de si jamais significa tomar consciência do instante, pois o instante é apenas uma visão de espírito só posso tomar consciência de mim enquanto homem em particular, esboçando na íntegra minha figura, e é transcendendo rumo a nós mesmos que fazemos o mundo aparecer tal como é.

A consciência como pura e simples negação do dado, existe como desligamento de certo dado existente e com ligamento no rumo de certo fim ainda não existe. Se este ser não for sua própria negação, será aquilo que é pura e simplesmente dado.

Para não ser um dado, é preciso que o Para-si se constitua perpetuamente como uma tomada de distância em relação a si, abandone-se atrás de si equanto datum (se dá) que já não é mais.

“(...) o Para-si é livre e pode fazer com que haja um mundo, porque é o ser que tem-de-ser o que era à luz daquilo que será. A liberdade do Para-si, portanto, aparece como sendo seu ser. Mas, como esta liberdade não é um dado, nem uma propriedade, ela só pode ser escolhendo-se”.⁷

Sartre define a liberdade como a escolha que o homem faz do seu próprio ser e do mundo. Por se tratar de uma escolha a medida que vai sendo realizada, indica outras possíveis. E essa possibilidade não é clara, mas é vivida injustamente e expressa contrário à razão da minha escolha, conseqüentemente do meu ser.

⁷ SARTRE, op. cit. p. 590

Mas como alcançar a liberdade?

“Podemos então determinar, a partir de análises como a da má-fé que a realidade-humana é seu próprio nada. Ser, para o Para-si, é nadificar o Em-si que ele é. Nessas condições, a liberdade não pode ser senão esta nadificação. É através dela que o Para-si escapa de seu ser, como de sua essência; é através dela que constitui sempre algo diverso daquilo que pode-se dizer dele, pois ao menos é aquele que já está além do nome que se lhe dá ou da propriedade que se lhe reconhece. (...) o homem é livre”.⁵

Portanto, a liberdade que é minha se origina do posicionamento dos meus fins últimos que caracteriza meu ser. Dessa forma a liberdade sendo semelhante à minha existência, é alicerce dos fins que tentarei alcançar, seja pela vontade, seja por esforços passionais. A liberdade é a existência da nossa vontade, nossas paixões, um ser que é seu ser à maneira do ter-de-ser. Dessa forma, todas as minhas maneiras de ser manifestam igualmente a liberdade, pois todas são maneiras de ser meu próprio nada.

Nesta perspectiva denomina-se como motivo a razão de um ato, onde motivo é a captação objetiva de uma situação determinada e à medida que esta situação se revela é o caminho para alcançar este fim. Ao contrário, o móbil é considerado normalmente como um fato subjetivo como o conjunto dos desejos, emoções e paixões que me impulsiona a executar certo ato. Em suma motivo, móbil e fim são três termos indissolúveis do brotar de uma consciência livre e viva que se projeta rumo às suas possibilidades e define-se por essas possibilidades.

Assim, pode-se dizer a vontade é um acontecimento psíquico de estrutura própria, que constitui-se no mesmo plano dos demais e acha-se sustentado por uma liberdade originária e ontológica.

Vale aqui ressaltarmos a questão da transcendência, onde o Em-si não é capaz, sozinho de realizar qualquer inseparabilidade mundana. Assim o fenômeno primordial do ser no mundo é a relação originária entre a totalidade do Em-si e minha própria totalidade destotalizada.

“É preciso ser consciente para escolher, e é preciso escolher para ser consciente. Escolha e consciência são uma só e mesma coisa”.⁶

⁵ SARTRE, op. cit. p. 543

⁶ SARTRE, op. cit. p. 569

consideração. Dessa forma esse sofrimento devia ser um incentivo para seus atos, mas parece-lhe intolerável. Isso significa que ter tomado distância com relação a ele e operando uma dupla nadificação.

“(...) 1º) Nenhum estado de fato, qualquer que seja (estrutura política ou econômica da sociedade, “estado” psicológico, etc.) é capaz de motivar por si mesmo qualquer ato. Pois um ato é uma projeção do para-si rumo a algo que não é e aquilo que é não pode absolutamente, por si mesmo, determinar o que não é. 2º) Nenhum estado de fato pode determinar a consciência a captá-lo como negatividade ou como falta”.³

Assim, o para-si deve conferir-lhe seu valor de móbil ou motivo. O móbil só pode ser compreendido pelo fim, ou seja, pelo não-existente, portanto o móbil é, em si mesmo, uma negatividade. E isso pode ser facilmente explicado, pois se aceito um mísero salário é por medo, medo de morrer de fome. Dessa forma se torna impossível encontrar um ato sem móbil, mas isso não significa que o móbil seja a causa do ato, é apenas parte integrante dele.

“uma vez que o projeto já resolvido rumo a uma mudança não se distingue do ato, é em um único surgimento que se constitui móbil, ato e fim. (...) Mas a totalidade organizada das três já não mais se explica por qualquer estrutura singular, e seu surgimento como pura nadificação temporalizadora do Em-si identifica-se com a liberdade. É o ato que decide seus fins e móbeis, e o ato é expressão da liberdade”.⁴

Não podemos falar de liberdade sem citarmos o que diz Heidegger do Dasein em geral: “Nela, a existência precede e comanda a essência”. A liberdade se constitui até e é alcançada através do ato que ela organiza como os motivos, os móbeis e os fins que esse ato encerra. Tendo este ato uma essência, ele aparece como constituído, porque possui uma essência. Pode-se dizer que a liberdade é fundamento de todas as essências, considerando que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às possibilidades próprias, da sua liberdade.

Para determinar a liberdade como liberdade que é nossa, como pura necessidade, vamos considerar o cogeto de Husserl e Descartes. Pois, sou um existente que constrói sua liberdade individual e, única através de seus atos.

³ SARTRE, op. cit. p. 539

⁴ SARTRE, op. cit. p. 541

CAPÍTULO III

A Liberdade em Sartre

“É preciso ser consciente para escolher, e é preciso escolher para ser consciente”.

(Sartre)

Em “O ser e o nada” Sartre diz que a condição primordial da ação é a liberdade. Assim o conceito de ato nos dá condição de escolha e organização. Desta forma Sartre define o agir como ação de modificar o mundo, dispondo de uma finalidade, desde que, essa ação tenha como origem a intencionalidade.

“(…) Constatamos que a ação implica necessariamente como sua condição o reconhecimento de um “desideratum”, ou seja, de uma falta objetiva, ou uma negatividade”.¹

Denota-se que se forma a idéia do ato, a consciência pode se retirar do mundo pleno do qual é consciência e abandonar o terreno do ser para encontrar o do não-ser, ou seja, o positivo e o negativo, aquilo que é e aquilo que não é. Mas essa difusão só é possível se a ultrapassarmos em direção a uma situação-limite colocada a priori como valor.

“(…) Pois é preciso inverter aqui a opinião geral e convir que não é a rigidez de uma situação ou os sofrimentos que ela impõe que constituem motivos para que se conceba outro estado de coisas, no qual tudo sairá melhor para todos; pelo contrário, é a partir do dia em que se pode conceber outro estado de coisas que uma luz nova ilumina nossas penúrias e sofrimentos e decidimos que são insuportáveis”.²

O homem que vive de um salário neste contexto, é capaz desperta oposição ao Governo se lhe baixam os salários, logo se adapta a seu miserável nível de vida. Mas ele não manifesta seus sofrimentos como intoleráveis: acomoda-se a eles, pois lhe falta cultura e reflexão necessária para fazer existir um estado social em que não existam estes sofrimentos. Ele sofre sem levar seu sofrimento em

¹ SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada. Ensaio de ontologia Fenomenológica; Tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 537

² SARTRE, op. cit. p. 543

Dizer-se determinada flor que é uma rosa vermelha, é designar o particular por meio do universal, pois os termos rosa é vermelha não convém apenas à flor atual percebida, no entanto, é o fato de essa e nenhuma outra, de existir aqui e agora, como conteúdo ou objeto de percepção. A menos que dela se fizesse uma pintura, ou que se fotografasse, não há palavras para exprimir ou representar a sua particularidade. Essa razão pela qual, Aristóteles dizia que o indivíduo é "inefável" (o que não pode ser dito), o que equivale a dizer que a realidade é irredutível ao conceito ou a existência irredutível à essência.

seus próprios atos. Não se trata propriamente de uma mentira, pois esta supõe os outros, para quem mentimos. A má fé se caracteriza pelo fato de o indivíduo dissimular para si mesmo, a fim de evitar fazer uma escolha, da qual possa se responsabilizar. Torna-se safado, sujo. O homem que recusa a si aquilo que fundamentalmente o caracteriza como homem, ou seja, a liberdade. Nesse processo recusa a dimensão do “para si”, torna-se um “em si”, semelhante as coisas. Perde a transcendência, reduz-se a facticidade.

Sartre chama esse comportamento de espírito de seriedade. O homem sério é aquele que recusa a sua liberdade para viver no conformismo e a “respeitabilidade” da ordem estabelecida e da tradição. Esse processo é exemplificado no conto “A infância de um chefe”. Um tipo de má fé descrito por Sartre é do garçom que age não como um “para si”, mas como um “ser para o outro”, comporta-se como deve se comportar um garçom, desempenhando o papel de garçom, de tal forma que ele se vê com os olhos dos outros. É assim que Sartre descreve em “O ser e o nada”. “Consideramos esse garçom de café. Tem um gesto vivo e apurado, preciso e rápido, dirige-se aos consumidores num passo demasiado vivo, inclina-se com demasiado zelo, sua voz e seus olhos experimentam um interesse demasiado cheio de solicitude para o pedido do freguês (...), ele representa, brinca. Mas representa o que? Não é preciso observa-lo muito tempo para perceber: ele representa ser garçom de café”.

Em *L'Être et l'être néant, essai d'ontologie phénoménologique* (1943: *O Ser e o Nada, ensaio de ontologia fenomenológica*), propõe Sartre e sua filosofia, baseado na ontologia existencialista de Martin Heidegger. O ponto de partida é o “projeto” de vida do indivíduo, que se choca com os projetos dos outros. Como afirma o título de um escrito posterior, *L'Existencialisme est un Humanisme* (1946, o existencialismo é um humanismo) o existencialismo é um humanista. Como humanismo, filosofia em cujo centro se encontra o homem, o existencialismo de Sartre tem o projeto de dominar o mundo. Mas esse mundo está cheio de elementos maus; para domina-los também é preciso arriscar o mal. A liberdade da decisão inclui a liberdade de fazer o mal. Só a decisão é humana e é livre.

Não existe humanidade, a não ser como característica dos indivíduos humanos que embora diferentes todos uns dos outros, são humanos por que contém a humanidade ou dela participam. O indivíduo, enquanto tal, naquilo que apresenta de particular, é o objeto de percepção sensível e não de apreensão intelectual.

“No famoso texto *O existencialismo é um humanismo*, Sartre usa como exemplo um objeto fabricado qualquer, como um livro ou um corta-papel: neles a essência precede a existência; da mesma forma, se imaginarmos um Deus criador, o identificamos a um artífice superior que cria o homem segundo um modelo, tal qual o artífice fabrica um corta-papel. Daí deriva a noção de que o homem tem uma natureza humana, encontrada igualmente em todos os homens. Portanto, nessa concepção, a essência do homem precederia a existência. Não é essa, no entanto, a posição de Sartre ao afirmar que a existência precede a essência: Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define”.¹

Sua preocupação é de que o homem, diante de suas inúmeras escolhas assuma a responsabilidade de uma opção. Para Sartre o existencialismo é uma doutrina que torna a vida humana possível, por outro lado declara que toda a verdade e toda a ação implicam um meio é uma subjetividade humana, o homem existe, se descobre, surge no mundo e só depois se define, ou seja, não é mais do que faz.

Essa responsabilidade é que gera a angústia, pois cada indivíduo está pronto a escolher tanto a si como a humanidade, não escapa a essa situação.

Apesar da mistura de valores deste século, apesar do homem viver sozinho e sem ajuda nessa confusão, ele é livre e responsável pela sua liberdade. Somos livres para dar sentido a qualquer coisa, mas temos que dar sentido a alguma coisa”.

O homem não é um “em si” ele é um “para si”, que a rigor não é nada. A consciência não tem conteúdo e, portanto, não é coisa alguma. Esse vazio é a liberdade fundamental do “para si”. É a liberdade, movendo-se, através das possibilidades, que poderá criar-lhe um conteúdo. Eis o que o homem, ao experimentar essa liberdade, ao sentir-se como um vazio, experimenta a angústia da escolha. Muitas pessoas não suportam essa angústia, fogem dela aninhando-se na má fé.

A má fé é a atitude característica do homem que finge escolher, sem na verdade escolher. Imagina que seu destino está traçado, que os valores são dados, aceitando as verdades exteriores, “mente para si mesmo”, que é o autor dos

¹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, *Filosofando: Introdução à Filosofia*, 2ª ed. Moderna, São Paulo: 1993, p. 328.

CAPÍTULO II

O problema do Ser

Que significará o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo, e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber.

O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo. É também a isto que se chama a subjetividade, e o que nos censuram sob este mesmo nome. Mas, o que queremos dizer com isso, senão que o homem tem uma dignidade maior do que uma pedra ou uma mesa? Porque o que nós queremos dizer é que o homem primeiro existe, ou seja que o homem antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro.

Mas se verdadeiramente a existência precede a existência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim o primeiro do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens.

“A existência precede a essência”. Eis a frase fundamental do existencialismo. Para melhor compreender o significado dela, é preciso rever o que quer dizer essência. A essência é o que faz com que uma coisa seja o que é, e não outra coisa. Por exemplo, a essência de uma mesa é o ser mesmo da mesa, aquilo que faz com que ela seja mesa e não cadeira. Não importa que seja de madeira, fórmica ou vidro, que seja grande ou pequena; importa que tenha as características que nos permitam usa-la como mesa.

aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência”.

Jean Paul Sartre vai às mais extremas conseqüências, chegando à negação de Deus, sustentando que o mundo e a vida são um absurdo intransponível, e nega qualquer forma moral.

Analisando o mundo humano, que é nosso mundo, a náusea toma o lugar da angústia de Heidegger: náusea da sociedade humana; náusea da natureza cuja beleza é ilusória; náusea de nós mesmos. “O mundo é absurdo e unicamente Deus poderia dar-lhe um sentido; mas Deus não existe, e, portanto é preciso aceitar a vida como um absurdo”. Com base nessa metafísica, Sartre demole todos os valores sociais, morais e religiosos, pondo-lhes em relevo a inconsistência com um cinismo desconcertante. Cada qual, portanto deve agir como quiser, pois todos os modos de vida se equivalem.

Sartre escreve em o Ser e o Nada que “A liberdade não é um ser, ela é o ser do homem, isto é, o seu nada de ser.

A angústia é a experiência metafísica do nada, isto é, da liberdade incondicionada. O homem é o ser que projeta ser Deus, mas na realidade, ele se mostra como aquilo que é, uma paixão inútil.

O existencialismo é uma moral da ação, porque considera que a única coisa que define o homem é o seu ato. Ato livre por excelência, mesmo que o homem sempre esteja situado em determinado tempo ou lugar. Não importa o que as circunstâncias fazem do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele?

humana, a sua escolha originária é o projeto fundamental em que se inserem todos os atos e as volições de um ser humano”.

“(...) O homem é, de fato, definido por Sartre como “o ser que projeta ser Deus”.⁵

Jean Paul Sartre (1905-1980). A produção intelectual foi fortemente marcada pela Segunda Guerra Mundial e pela ocupação nazista na França. Engajou-se de tal maneira na vida social e política que a liberdade deixa de ser apenas imaginária e passa a estar situada e comprometida na ação.

“Aquilo que na doutrina de Heidegger e de Jaspers é obra da necessidade factual que limita e destrói qualquer possibilidade de transcender o fato, na doutrina de Sartre é obra da infinidade de possibilidades que se eliminam e se destroem reciprocamente(...)”.⁶

O próprio Sartre citando a frase de Dostoiévski em os irmãos Karamazov: “Se Deus não existe, então tudo é permitido”, para lembrar que os valores não são dados, nem por Deus nem pela tradição: só ao próprio homem cabe inventá-los.

Se o homem é livre, é conseqüentemente responsável por tudo aquilo que escolhe e faz. A liberdade só possui significado na ação, na capacidade do homem de operar modificação no real.

Outra característica importante do pensamento de Sartre é a atitude característica do homem que finge escolher, sem na verdade escolher. Imagina que seu destino está traçado, que os valores são dados, aceitando as verdades exteriores, “mente” para si mesmo, simulando ser ele próprio o autor dos seus próprios atos já que aceitou sem criticar os valores dados.

O homem que recusa a si mesmo aquilo que fundamentalmente o caracteriza como homem, ou seja, a liberdade, tornar-se safado, pois nesse processo recusa a dimensão do “para si”, semelhante às coisas. Perde a transcendência e reduz-se a facticidade.

Sartre chama tal comportamento de espírito de seriedade. O homem sério é aquele que recusa a liberdade para viver o conformismo e a “respeitabilidade” da ordem estabelecida e da tradição. Ainda adverte: “Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por

⁵ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 404

⁶ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 405

Depois de Heidegger uma tentativa para conquistar a transcendência teísta e cristã fazem Jasper e Barth, mas não mediante um processo de razão, e sim por motivos exigenciais e, portanto extrafilosóficos.

Karl Jasper distingue a investigação filosófica concebida como resolvedora do problema da vida em três momentos:

No primeiro momento o ser é pensado, graças ao intelecto, à ciência como puro estar-no-mundo, objetividade, visão de um mundo de coisas dado e unitário. Mas tal visão do mundo fracassa, porque não sendo objetiva e real se resolve num ponto de vista relativo e particular de cada um, para orientar-se no mundo. Tal perspectiva relativa e particular significa que, desde o primeiro momento, o indivíduo humano não faz questão do mundo e sim de si mesmo, da sua interioridade, da sua existência.

Passa-se destarte, ao segundo momento, em que o indivíduo emerge da objetividade – existe, é consciente que não pode ser objetividade, porque assim, seria “relativizada” ao passo que o eu representa o centro do ser. Mediante a existência consciente portanto transcende-se o relativo e se atinge o obsoleto. Esse fundo obscuro de nossa existência não se pode atingir clareza do intelecto, mas não pela razão. Essa, porém, não esgota, e dá ao indivíduo a consciência da sua limitação. E no indivíduo limitado erige, constrói o limitante, o transcendente, como fundo constitutivo da sua existência, donde a passagem ao terceiro momento, porque a metafísica seria relação com a transcendência. Batemos contra o limite, sofremos uma derrota, naufragamos. Mas por isso mesmo percebemos o encontro de nossa existência naufragante com Deus, de que nosso mundo é vestígio, mensagem: a existência é esclarecida em face da transcendência, não devemos crer em Deus, mas sentirmo-nos em face de Deus. Viver significa existir, isto é, viver os limites, as lutas e as contradições de nossas vidas.

Para Barth o existente humano, o estar-no-mundo do homem é contingência e domínio da carne, esta tendo fim a morte, embora apareça portadora de vida, resulta realmente via para a morte. Diante da morte toda coisa humana, mesmo os valores da cultura, manifestam a sua intrínseca nulidade pela incapacidade radical de dar ao nosso substituir uma consistência real.

Contendo influência de termos como possibilidade e impossibilidade surge o existencialismo de Sartre. “Para esse E., a possibilidade última da realidade

facticidade, atinge um estágio superior, que é a EXISTENZ, a pura existência do DASEIN.

A grande dificuldade para que ocorra esta passagem é o mergulho do homem na facticidade, onde ele tende a recusar seu próprio ser, cujo sentido se enuncia, mais ainda se acha oculto. Surge a ANGUSTIA da tensão entre o que o homem é e aquilo que virá a ser, como dono do seu próprio destino.

Do sentido que o homem imprime à sua ação, decorre a autenticidade ou a inautenticidade da sua vida. O homem intautêntico é o que se degrada vivendo de acordo com verdades e normas dadas; a despersonalização o faz mergulhar no anonimato, que anula qualquer originalidade. Ao contrário, o homem autêntico é aquele que se projeta no tempo, sempre em direção ao futuro. A existência é o lançar-se contínuo às possibilidades sempre renovadas.

A possibilidade privilegiada e inexorável que o homem deslumbra: A MORTE. "O SER-AÍ" é um "SER-PARA-A-MORTE". A máxima "situação-limite", que é a morte, ao aparecer no cotidiano possibilita ao homem o olhar crítico sobre sua existência.

Martin Heidegger é considerado o maior existencialista. Seu existencialismo, concebido como filosofia do finito, não é a essência que dá significado à existência, mas ao contrário. A existência é possibilidade que determinando-se adquire uma essência. Para Heidegger, a filosofia deve desvendar a existência determinar a essência do estar-no-mundo, a filosofia é pesquisa, do individual imediatamente presente à consciente, concebido porém, como dado sofrido. Para enfrentar esse problema é preciso emergir do imediato estar-no-mundo, é preciso existir. A existência é a "problematização", a "autoproblematização" do estar-no-mundo para entendê-lo. Por isso, a condição inicial do existente humano é a de ser limitado, decaído, lançado a viver no mundo para aí realizar a possibilidade da sua existência, o que significa queda, privação, quanto à concretização, limitação da infinita possibilidade do ser num determinado indivíduo.

Para Heidegger a existência dá significado à essência e a filosofia deve determinar a essência do estar-no-mundo do existente humano. E estar-no-mundo significa ser-para-a-morte. Adquirir consciência de tudo isso significa existir, isto é, passar da vida banal à vida autêntica, filosófica. Existir é ato de nulificação do ser.

relações do homem com o mundo, com os outros homens, consigo mesmo e com Deus.

Segundo Kierkegaard, as relações do homem com o mundo são denominadas pela angústia, que leva o homem a perceber que a possibilidade corrói e destrói as expectativas ou capacidades humanas além de destroçar cálculos e habilidades com a ação do acaso e das possibilidades insuspeitas (conceito da angústia, 1844). A relação do homem consigo mesmo, que constitui o eu, é denominada pela desesperação, ou seja pela condição na qual o homem se encontra porque percorreu uma possibilidade após outra sem deter-se ou porque esgotou suas limitadas possibilidades, e o futuro se fecha diante dele. (A doença mortal, 1849). A própria relação com Deus – que parece oferecer ao homem um caminho de salvação da angústia e do desespero (porque “para Deus tudo é possível”) –, por não ter garantias absolutas e por ser nada pelo paradoxo, não pode oferecer certeza nem repouso. Desse modo, ao analisar a existência humana com base na categoria do possível, Kierkegaard entendia o possível exclusivamente em seu aspecto ameaçador e negativo, vendo nele “aquilo que é possível realizar-se”, mais do que “aquilo que pode não se realizar”. Heidegger tem essa mesma compreensão e deixa claro que a existência é transcendência e projeto, mas ressalta que transcendência e projeto são impossíveis, porque a transcendência fica aquém do que deveria transcender e o projeto é dominado e anulado por aquilo que já é ou já não é mais.

Na obra *Ser e Tempo* Heidegger usa o método fenomenológico para discutir e elaborar uma teoria do SER. Parte da análise do ser do homem, que denomina DASEIN. Esta expressão alemã significa justamente o “SER-AÍ”, ou seja o homem é um ser-no-mundo. Retoma a noção de intencionalidade, para dizer que o ser humano não é uma consciência separada do mundo ser é “estourar”, “eclodir” no mundo.

A partir do “Ser-aí”, Heidegger demonstra a especificidade do ser do homem, que é a existência. O homem é lançado no mundo de maneira passiva, daí ele pode tomar a iniciativa de descobrir o sentido da existência e orientar suas ações em direções as mais diversas. A isso se chama transcendência.

Neste processo, o homem descobre a temporalidade, pois ao tentar compreender o seu ser, dá sentido ao passado e projeta o futuro. Ao superar a

contemporâneas das coisas, são as próprias coisas consideradas de determinado ponto de vista, em sua universalidade e não em sua particularidade.

A distinção entre essência e existência corresponde a distinção entre conhecimento intelectual e conhecimento sensível. Os sentidos põem em contato com os seres particulares e contingentes, únicos que realmente existem, ao passo que a inteligência permite aprender as idéias ou essências, gêneros e espécies universais, meras possibilidade de ser, em si mesmas inexistentes. Sabe-se, no entanto, desde Sócrates, que o objeto da ciência é o universal e não o particular, quer dizer a essência e não a existência. Platão tenta resolver essa contradição tomando como real as idéias, atribuindo-lhes a realidade, no mundo supra-sensível ou topos ouranoú (lugar do céu).

Poder-se-ia dizer que é em nome da existência que Aristóteles critica a teoria platônica das idéias sustentando que as idéias, ou essências não estão fora, mas dentro das próprias coisas, as quais feitas de matéria e de forma, contém, em si mesmas, o universal e o particular, a essência e a existência.

O existencialismo é, fundamentalmente, uma antropologia, quer dizer, uma reflexão filosófica sobre o homem, ou melhor, sobre o ser do homem enquanto existente. Na perspectiva antropológica, surgem os temas ou problemas característicos do pensamento existencial. A finitude, a contingência e a fragilidade da existência humana, a alienação; a solidão e a comunicação, o segredo, o nada, o tédio, a náusea, a angústia e o desespero; a preocupação e o projeto, o engajamento e o risco, são alguns dos temas principais de que se tem ocupado os representantes do existencialismo.

Portanto, conhecer é um processo que não acaba nunca, é uma exploração exaustiva do mundo. O olhar do homem sobre o mundo é o ato pelo qual o homem experiência o mundo, percebendo, imaginando, julgando, amando, temendo, etc.

As tendências do existencialismo podem ser reconhecidas pelo significado que dão à categoria da possibilidade e ao uso que fazem dela. Desta forma é possível distinguir três tendências principais, cujos fundamentos são: 1º impossibilidade do possível; 2º necessidade do possível e; 3º possibilidade do possível.

Por volta do século XIX o dinamarquês Kierkegaard obstinou-se na importância da possibilidade, do possível, o que torna problemáticas e negativas as

existencialismo atribui peso a exterioridade, a materialidade, ou seja à necessidade, ao uso e à produção das coisas.

“O existencialismo ou filosofia da existência é uma vasta corrente filosófica contemporânea”. “A época do existencialismo é época de crise: a crise daquele otimismo romântico que, durante todo o século XIX e a primeira década do século XX, “garantia” o sentido da história em nome da razão, do absoluto, da Idéia ou da Humanidade, “fundamentava” valores estáveis e “assegurava” um progresso certo e incontível. O idealismo, o positivismo e o marxismo são todas filosofias otimistas, que presumem ter captado o princípio da realidade e o sentido progressivo absoluto da história. O existencialismo porém, considera o homem como ser finito, lançado no mundo” e continuamente dilacerado por situações problemática e absurdas. E é precisamente pelo homem, o homem em sua singularidade, que o existencialismo se interessa”.²

“Mas de que modo se qualifica o concreto de existência no interior do existencialismo? A primeira coisa que se deve destacar é que a existência é constitutiva do sujeito que filosofa. Ademais, a existência é modo de ser finito e é possibilidade, isto é, poder ser”.³

Pode-se então dizer que a análise existencial é uma análise em torno do homem, quer dizer para além dele: aos homens ou as coisas, conforme as diversas, situações, naturais, históricas e sociais.

Os conceitos básicos para a reflexão existencialista são oferecidos pela fenomenologia, esta consiste no método e na filosofia.

A fenomenologia surgiu no final do século XIX, com Franz Brentano, cujas principais idéias foram desenvolvidas por Edmund Husserl (1859-1958). Outros representantes foram Heidegger, Marx Scheler, Hartmann, Binswanger, De Wachens, Ricoeur, Merleau-Ponty, Jaspers e Sartre.

O postulado básico da fenomenologia é a noção de intencionalidade, pela qual é tentada a superação das tendências racionalistas e empiristas surgidas no século XVII. A fenomenologia pretende realizar a superação da dicotomia razão-

² REALE, Giovanni, História da Filosofia. São Paulo: Paulus, 1991. p. 593

³ REALE, Giovanni, História da Filosofia. São Paulo: Paulus, 1991. p. 594

experiência no processo do conhecimento, afirmando que toda consciência é intencional.

Com este conceito de intencionalidade, a fenomenologia se contrapõe à filosofia positivista do século XIX, presa demais a visão objetiva do mundo. A crença na possibilidade de um conhecimento científico, cada vez mais neutro, mais despojado de subjetividade, mais distante do homem, a fenomenologia contrapõe a retomada da “humanização” da ciência, estabelecendo uma nova relação entre sujeito e objeto, homem e mundo, considerados pólos inseparáveis.

A partir do próprio conceito de fenômeno, que em grego significa “o que aparece”, podemos compreender melhor que a fenomenologia aborda os objetos do conhecimento tais como aparecem, isto é, como se apresentam à consciência. Não há um puro ser “escondido” atrás das aparências ou do fenômeno: a consciência desvela progressivamente o objeto por meio dos seguintes perfis, de perspectivas as mais variadas.

Com o nome de existencialismo entende-se a vasta e profunda corrente do pensamento contemporâneo, que surge e se afirma como reação e crítica ao racionalismo imanentista e ao historicismo hegeliano, enucleando despreocupadamente a contingência e, a irracionalidade do mundo humano, segundo a grande tradição pessimista da humanidade. Podemos dizer que o existencialismo é o grito do homem moderno, do pensador desiludido e amargurado pelas trágicas conseqüências da filosofia imanentista, destruidora do ser e de Deus.

O dinamarquês Kierkegaard é considerado o fundador do existencialismo.

“Se Kierkegaard é a raiz remota do existencialismo, a Fenomenologia é a sua próxima. Com efeito, o existencialismo se articula em contínuo exercício de análise da existência e das relações da existência humana com o mundo das coisas e o mundo dos homens. A existência humana não pode e não deve ser deduzida a priori; ao contrário, ela deve ser escrupulosamente descrita assim como se manifestam suas variadas formas da experiência humana efetiva”.⁴

Na perspectiva do existencialismo, as idéias, ou as essências não são anteriores às coisas, pois não se acham previamente contidas nem na inteligência de Deus nem na inteligência do homem. As idéias, ou essências, são

⁴ REALE, Giovanni, História da Filosofia. São Paulo: Paulus, 1991. p. 595

CAPÍTULO I

Existencialismo – Linhas Gerais

O termo existencialismo é indicado desde 1930 por um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas, que possuem como objetivo comum: a análise da existência, ou seja, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem possa se encontrar. Assim o homem nunca é e nunca alcança em si a totalidade infinita, o ser, o mundo ou a natureza. Existir significa conviver entre as pessoas, com o mundo, com as coisas, e como se trata de relações que não são necessárias em suas várias modalidades, essas situações são analisadas como possibilidades. Dessa forma HUSSERL elabora o conceito de transcendência: nas relações entre sujeito cognoscente e objeto conhecido ou, em geral, entre sujeito e objeto (não só no conhecimento, mas também nos desejo), o objeto não está dentro do sujeito, mas permanece fora e dá-se a ele "em carne e osso".

Essa exposição precisa do problema filosófico opõe o existencialismo a todas as formas positivistas ou idealistas do romantismo oitocentista.

"O romantismo afirma que no homem age uma força infinita (humanidade, razão, absoluto, espírito, etc) de que ele é apenas manifestação. O Existencialismo afirma que o homem se encontra, como manifestação da força infinita que age no homem; tem uma ordem que garante necessariamente o êxito final das ações humanas. O Existencialismo afirma que o homem está "lançado no mundo", ou seja, entregue ao determinismo do mundo, que pode tomar vãs ou impossíveis as suas iniciativas. O romantismo afirma que a liberdade 'como ação do princípio infinito, é infinita, absoluta, criadora e capaz de produções novas e originais a cada momento. O Existencialismo afirma que a liberdade do homem é condicionada, finita e obstada por muitas limitações que a todo momento podem torna-la estéril e faze-la reincidir no que já foi ou já foi feito".¹

Assim o romantismo busca a espiritualidade, prioriza a interioridade, a espiritualidade, os valores e condena o que é terrestre, material, mundano. Já o

¹ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 403

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é refletir sobre a natureza e as principais dimensões existenciais, destacando como objeto de pesquisa “o ser à luz das idéias de Sartre”, buscando entender o homem como um ser racional capaz de conhecer-se.

A presente pesquisa aborda a questão do ser e da liberdade a partir do ponto de vista do filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980). Tratar-se-á aqui do Existencialismo - linhas gerais e da questão do ser e da Liberdade.

O ser humano supera os animais pela reflexão interior, ele mostra em si uma força maior de ir além daquilo que deseja. É o único capaz de investigar outros seres, e inclusive a ele próprio. O homem como um ser que precisa ser conhecido, buscado e compreendido, se torna objeto de pesquisa.

Partindo do pressuposto de que a liberdade constitui-se num dos principais problemas da nossa civilização, pois diz respeito aos limites da vida coletiva, levantamos como hipótese a possibilidade de tomarmos como parâmetro para reflexão a questão da liberdade.

Dessa forma a presente pesquisa tem por objetivo principal analisar o ser e a liberdade do pensamento de Jean-Paul Sartre.

ÍNDICE

Introdução.....	10
Capítulo I.....	11
Existencialismo – Linhas Gerais	
Capítulo II.....	20
O Problema do Ser	
Capítulo III.....	24
A liberdade em Sartre	
Conclusão	28
Bibliografia.....	30
Anexo	32

destrói seu amor próprio,
quem não se deixa ajudar.

Morre lentamente

quem passa os dias queixando-se da má sorte
ou da chuva incessante,

desistindo de um projeto

antes de inicia-lo, não perguntando

sobre um assunto que

desconhece e não respondendo

quando lhe indagam o que sabe.

Evitemos a morte em suaves prestações,

lembrando sempre que

estar vivo exige um esforço

bem maior do que simplesmente respirar.

(Siul Oinotna)

MENSAGEM

Morre lentamente quem
não troca de idéias,
não troca de discurso,
evita as próprias contradições.

Morre lentamente
quem vira escravo
do hábito, repetindo todos os dias o mesmo
trajeto e as mesmas compras no supermercado.

Quem não troca de marca,
não arrisca vestir uma cor nova,
não dá papo para quem não conhece.

Morre lentamente quem faz da TV
o seu guru e seu parceiro diário.

Morre lentamente quem evita
uma paixão, quem prefere o "preto no branco"
e os "pingos nos is" a um turbilhão de emoções indomáveis,
justamente as que resgatam
brilho nos olhos, sorrisos e
soluções, coração aos tropeços, sentimentos.

Morre lentamente quem não vira a mesa
quando esta infeliz no trabalho,
quem não arrisca o certo
pelo incerto atrás de um sonho,
quem não se permite, uma vez na vida,
fugir dos conselhos sensatos.

Morre lentamente quem
não viaja, quem não lê,
quem não ouve música,
quem não acha graça de si mesmo.

Morre lentamente quem

EPÍGRAFE

“O que eu sou é um nada, isso me dá e ao meu gênio, a satisfação de conservar minha existência no ponto zero, entre o frio e o calor, entre a sabedoria e a estupidez, entre alguma coisa e o nada, como um simples talvez”.

(Kierkegaard)

DESPEDIDA

Estou saindo para uma nova etapa, meus sinceros agradecimentos a esta Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba que tanta alegria me trouxe e quero agradecer a todos os funcionários e colegas, com os quais tive oportunidade de conviver durante todos esse tempo que estive por aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sabedoria e persistência para que pudesse ir em busca de meus sonhos e ideais.

Aos mestres que não mediram esforços, dando total apoio aprimorando o intelecto e formando a personalidade, minha imensa gratidão.

Aos familiares, que me acompanharam e me apoiaram nesta longa caminhada, jamais poderei recompensar pelo bem que me dedicaste, meus sinceros agradecimentos.

Aos colegas, a confraternização sadia e eterna de nossa convivência que nos impões uma promessa – A AMIZADE – um bem supremo, e isso conseguimos.

DEDICATÓRIA

A Deus, que se fez presente em todos os momentos firmes e trêmulos e passo a passo, pude sentir a Tua mão na minha, transmitindo-me a segurança necessária para enfrentar meu caminho e seguir. A Tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida, e eu sinto que é meu gesto, existir o Teu gesto e em minha voz, a tua voz.

Com profunda gratidão e afeição aos meus filhos Luiz Fernando e Laiane, que Deus colocou em minha vida para que eu pudesse me empenhar a terminar esse curso e ser a mãe que sou.

A meu esposo Wilmar, que ao meu lado esteve ajudando da sua forma, isso foi fundamental para chegar no final desse curso, juntamente com toda a família.

Aos pais, que, quando a jornada parecia árdua e difícil, o desânimo tentou se apossar, percebi suas faces preocupadas e envelhecidas no correr destes anos de suas orações, do apoio incondicional para dar-me o melhor. Obrigada pelo silêncio quando eu reclamava, e pelas palavras de estímulo quando eu me calava e precisava de ajuda.

Aos mestres, que não apenas lecionaram, mas ensinaram, foram instrutores e amigos, guias e companheiros, caminhando passo a passo e transmitindo os segredos da caminhada da vida, apoiando quando surgiam as dificuldades. Não foram apenas professores, e sim bons amigos.

Aos colegas, com os quais convivi por muitas horas, compartilhando experiências, alcançando novas aprendizagens. Juntos transpusemos tantas barreiras e carregamos a marca desta experiência. Que tudo isso seja luz em nosso caminho e que a amizade que cultivamos perdure para todo o sempre, a despeito da distância que nos separa.

IRLANE MARIA DOS SANTOS

O SER A LUZ DAS IDÉIAS DE SARTRE

Monografia apresentada a FACER –
Faculdade de Ciências e Educação de
Rubiataba como requisito para conclusão de
graduação em Filosofia sob a orientação do
Professor José João Neves Barbosa Vicente.

FACER
Dezembro, 2003.

IRLANE MARIA DOS SANTOS
O Ser a Luz das idéias de Sartre

Monografia defendida e aprovada no dia 04 de dezembro de 2003, pela
banca examinador constituída pelos professores:

Prof. José João Neves Barbosa Vicente
(Orientador)

Prof. Rogério Vieira Jacinto
(Professor)

IRLANE MARIA DOS SANTOS



O SER A LUZ DAS IDÉIAS DE SARTRE

de
S- 30726

Tombo n°	8459
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	A
Data:	19.03.04

FACER
2003